

Igor Oliveira Costa
igorsabo@yahoo.com.br

Neusa Salim Miranda
neusasalim@oi.com.br

A metáfora na gramática do português: o caso da Construção Superlativa de Expressão Corporal

The metaphor in Portuguese grammar: The case of Superlative Construction of Body Expression

RESUMO - O presente trabalho investiga a natureza metafórica da Construção Superlativa de Expressão Corporal, $[X_v \text{ de } Y_{N/V}]$ (“[ele] quase *morreu de vergonha* numa tarde de conversas”; “Padre Dito quase *estourou de rir*”; “O Lúcio *rolou de rir* com a explicação”), sob um viés sociocognitivista e construcionista. Dada a centralidade do uso no modelo teórico-analítico adotado, opta-se por uma análise baseada em *corpus*. O *corpus* utilizado é o Corpus do Português, composto por 45 milhões de palavras, de textos dos séculos XIV-XX. As análises, de maneira geral, apontam para a articulação de diferentes categorias cognitivas na instituição do padrão construcional sob estudo; a reanálise do elemento alocado em X – um verbo pleno – como um operador escalar, no contexto da construção; e a centralidade da metáfora na instituição de padrões gramaticais.

Palavras-chave: gramática do português, metáfora, construções modificadoras de grau.

ABSTRACT - This paper investigates the metaphorical nature of the Superlative Construction of Body Expression, $[X_v \text{ de } Y_{N/V}]$ (“[ele] quase *morreu de vergonha* numa tarde de conversas”; “Padre Dito quase *estourou de rir*”; “O Lúcio *rolou de rir* com a explicação”), from a cognitive and constructionist perspective. Given the centrality of “language in use” within the theoretical and analytical model adopted, a corpus-based approach was chosen. The corpus used was the Corpus do Português, composed of forty-five million words, allocated in texts of the XIV-XX centuries. The analysis, in general, points to the articulation of different cognitive categories in the institution of the construction pattern being investigated; the semantic reanalysis of the element allocated in X – a full meaning verb – as a scalar operator, in the context of the construction; and the centrality of metaphor in the institution of grammatical patterns.

Key words: Portuguese grammar, metaphor, degree-modifier constructions.

Introdução

É sabido que o estabelecimento de escalas, de gradações de valores nos mais distintos domínios conceituais (por exemplo, perceptual, emocional ou de experiências avaliativas) constitui-se como uma estratégia discursiva vigorosa e fortemente presente nas línguas. Com a língua portuguesa não é diferente. Várias dessas estratégias, fortemente convencionalizadas, são descritas pelas gramáticas normativas. É o caso das estruturas comparativas canônicas (“Ele nada *tanto quanto* o Phelps”/ “Eu nado *melhor/pior do que* ele”), do uso dos advérbios de intensidade (“Isso é caro *demais*”), de recursos morfológicos (“Isso é *caríssimo*”) ou mesmo de estratégias ditas estilísticas, como expressões pleonásticas (“Joana é *linda, linda, linda*!”).

Escapa à tradição gramatical e mesmo à tradição linguística, contudo, um grande contingente de construções escalares da língua portuguesa. São estratégias

lexicais ou gramaticais de gradação, de intensificação que, vistas como irregularidades ou como periferias do sistema, vêm sendo, de modo intencional, mantidas debaixo do tapete. Assim, ainda que se mostrem com fartura na linguagem cotidiana e desempenhem funções semântico-pragmáticas distintas de estratégias escalares ditas regulares, tais construções continuam à margem das agendas descritivas da língua portuguesa. De fato, como pontua Fillmore (1979), continuamos descrevendo uma língua usada por um “falante-ouvinte inocente” que domina um conjunto central de regras da sintaxe e de exemplares do léxico, mas que, como os personagens estereotipados da “burrice” nas piadas, não constrói inferências plausíveis em cenas reais de uso linguístico.

É exatamente essa lacuna que o macroprojeto “Construções Superlativas do Português do Brasil: um estudo sobre a semântica de escala” (Miranda, 2008a) vem buscando preencher. Assim, uma rede de construções gramaticais e lexicais que implicam superlatividade vem

sendo desvelada pelos diversos subprojetos que integram tal projeto. Os elos dessa rede já descritos são os seguintes: Construção Superlativa Causal, (“Acho o cúmulo da folga e *morro de raiva*.” (Sampaio, 2007); Construção Concessiva de Polaridade Negativa, “Não vou *nem que a vaca tussa*” (Carvalho-Miranda, 2008); Construção Superlativa Lexical do Domínio ‘Animal’, “O cara é um *monstro* na informática” (Albergaria, 2008); Construção Negativa Superlativa de Itens Sensíveis à Polaridade Negativa, “*Não escrevo uma linha* pra você” (Miranda, 2008b); Construção Superlativa Causal Nominal, “A festa foi *de arrasar*” (Carrara, 2010); e Construção Superlativa Sintética de Estados Absolutos, “Sou *casadíssima* e muito feliz” (Machado, 2011).

Seguindo essa trilha, o presente artigo apresenta mais um dos nódulos da grande rede de signos superlativos da língua portuguesa, a Construção Superlativa de Expressão Corporal (SEC), aqui dando ênfase a sua natureza metafórica. Esse objeto foi investigado primeiramente por Sampaio (2007) no estudo do campo metafórico da “morte” (“morrer de rir”, “morrer de medo”) e nomeado como Construção Superlativa Causal. Os achados analíticos decorrentes da ampliação deste estudo – a natureza semântica dos verbos que integram a SEC, evocando os *frames* de Impacto físico ou Impacto fisiológico – conduziram a um novo batismo da construção, ilustrada pelos exemplares de 1 a 3¹:

- (1) 19Or:Br:Intrv:ISP – Quando vou a Barcelona meus irmãos *morrem de rir*.
- (2) 19:Fic:Pt:Redol:Fanga – Jurava ali que não voltaria a procurar qualquer coisa, mesmo que *rebastasse de fome!*
- (3) 19:Fic:Br:Costa:Sala – Eu quase me *caguei de medo*, essa é que é a verdade!

A tarefa investigativa, assim, recai sobre a descrição e explicação do polo formal e semântico-pragmático que define o uso dessa construção metafórica. Em vista disso, tem-se por referencial teórico central a Linguística Cognitiva (Croft e Cruse, 2004; Fillmore, 1982; Fillmore e Atkins, 1992; Johnson, 1987; Lakoff, 1987; Lakoff e Johnson, 1999; Miranda, 2002, 2005, 2008a, 2008b; Salomão, 1997, 2009; dentre outros) e, mais especificamente, a Gramática das Construções Cognitiva (Goldberg, 1995, 2006; Boas, s.d.) e a Teoria Conceptual da Metáfora (Lakoff e Johnson, 2002 [1980]; 1999). Os principais pontos teóricos que se relacionam à pesquisa serão discutidos nas próximas três seções – “A visão sociocognitivista e construcionista da linguagem”, “A Gramática das Construções Cognitiva” e “A Teoria Conceptual da Metáfora”.

A seção “Metodologia” trará o método investigativo e as análises da construção propriamente dita serão apresentadas à seção “A dimensão semântica e a natureza metafórica da Construção Superlativa de Expressão Corporal”, que terá por foco principal a dimensão metafórica da SEC, a partir das ocorrências encontradas no Corpus do Português, que se constituiu como principal fonte de dados. De maneira geral, buscar-se-á corroborar a hipótese de a construção sob estudo ser um nódulo independente da rede de Construções Superlativas do português, com forma, sentido e uso próprios e metaforicamente motivada.

Ao final, serão apresentadas as considerações finais deste estudo.

A visão sociocognitivista e construcionista da linguagem

A linguagem, sob uma perspectiva sociocognitivista, pode ser definida a partir da seguinte tríade de axiomas: (i) a linguagem não é uma faculdade cognitiva autônoma; (ii) gramática é conceptualização; e (iii) o conhecimento sobre a linguagem emerge do uso (Croft e Cruse, 2004, p. 1-4).

Esses princípios vão de encontro, principalmente, com os pressupostos modularistas chomskianos e com os modelos semânticos vericondicionais, afirmando que, embora se trate de uma habilidade cognitiva especial, os processos que regulam a linguagem são os mesmos que regem os outros modos da cognição (axioma ‘i’). De acordo com o segundo axioma anunciado (‘ii’), o que a gramática (e o léxico) de uma língua faz(em) é (re)construir a experiência humana de uma determinada perspectiva, apresentando as cenas de conhecimento humano perfiladas sob um ponto de vista. Outro fundamento central (‘iii’) ao paradigma diz respeito à natureza construcional da gramática, o que significa negar as teses inatistas e afirmar o papel do uso – das recorrências específicas de construções em contextos igualmente específicos – na arquitetura cognitiva do léxico e da gramática.

Tais máximas, nos últimos anos, têm sido corroboradas por muitos estudos nos campos das ciências cognitivas. A título de exemplo, o trabalho do antropólogo evolucionista Michael Tomasello vem evidenciar o caráter cultural da cognição humana, apontando que o homem só foi capaz de alcançar o presente grau evolutivo porque acumula não apenas herança genética, mas principalmente porque também acumula herança cultural, que lhe é transmitida através da participação em *frames* de atenção conjunta e, principalmente, através de instrução ativa (Tomasello, 2003 [1999]).

Buscando coerência com esses princípios, diferentes modelos e constructos que visam compreender os

¹ Estes exemplos, assim como os demais que serão apresentados, foram extraídos do *Corpus* do Português. O rótulo que antecede a ocorrência é a classificação dada pelo *corpus* ao texto de onde a ocorrência foi tirada. Para maiores detalhes acerca de tal rotulação, consultar Davies e Ferreira (2006).

mais diversos âmbitos da linguagem e do conhecimento humano surgiram no interior do programa investigativo da Linguística Cognitiva. Dentre esses, interessam de maneira mais robusta ao presente empreendimento um dos modelos cognitivistas de funcionamento da gramática, a saber, a Gramática das Construções Cognitiva (Goldberg, 1995, 2006; Boas, s.d.), e as ideias acerca de uma proeminente estratégia de entendimento que se reflete fortemente na linguagem, a metáfora (Lakoff e Johnson, 2002 [1980]; 1999), que serão apresentadas, de modo abreviado, nas seções a seguir. Outros constructos e modelos teóricos que tangem a pesquisa serão apresentados na medida em que forem sendo exigidos.

A Gramática das Construções Cognitiva

A abordagem construcionista da gramática, ou simplesmente Gramática das Construções (CxG), confere à linguagem uma abordagem holística, buscando dar conta de todas as facetas do conhecimento do falante e de todas as construções de uma língua e não apenas daquelas estruturas tomadas como centrais ou regulares. Nessa visão, construções – pares com forma, sentido e uso próprios – são os blocos fundamentais da linguagem e o sentido de um enunciado linguístico é calculado a partir da interação do sentido que a construção evoca como um todo com o sentido individual dos elementos que a compõem.

Goldberg (2006, p. 5, tradução nossa) define construções da seguinte maneira:

Um padrão linguístico é reconhecido como uma construção desde que algum aspecto de sua forma ou função não seja estritamente previsível de suas partes componentes ou de outras construções reconhecidas. Mais que isso, padrões são armazenados como construções, mesmo se forem inteiramente previsíveis, desde que ocorram com frequência suficiente.

As estruturas gestálticas nomeadas construções estruturam, assim, os mais diversos âmbitos da linguagem. Há construções em nível morfológico, lexical, sintático, discursivo, desde que se associe uma forma específica a uma função semântico-pragmática também específica.

Um ponto chave na definição de Goldberg é o que diz respeito à frequência. O modelo golberiano de CxG, ou a Gramática das Construções Cognitiva (CCxG), é, assim como alguns outros modelos de CxG, considerado

um modelo baseado no uso (Croft e Cruse, 2004). Nesse tipo de modelo da linguagem, dois tipos de frequências governam a forma como unidades gramaticais são representadas na mente do falante: a frequência de ocorrência (*tokens*) determina o grau de entrenchamento da construção na mente do falante, ao passo que a frequência de tipos (*types*) determina a produtividade de um padrão construcional, ou seja, a possibilidade de extensão de um padrão a novos casos.

Tanto Croft e Cruse (2004) quanto Boas (s.d.) sugerem que a CCxG tem como ponto central a plausibilidade psicológica da linguagem, explorando, para isso, categorias cognitivas e processos de categorização não-clássicos (ambos amplamente discutidos no interior do paradigma cognitivista) respectivamente na análise de construções e da relação entre as construções.

Na CCxG, a função dos participantes em uma cena é entendida em termos da Semântica de *Frames*² (Fillmore, 1982; Fillmore e Atkins, 1992), enquanto as funções e relações sintáticas são vistas como relações gramaticais primitivas, como sujeito e objeto, e categorias sintáticas primitivas, como verbos. O inventário de construções na mente do falante, por seu turno, organiza-se em rede, em que os diferentes nódulos se ligam através de elos de herança (*inheritance links*), obedecendo a princípios psicológicos específicos, que, ao mesmo tempo, motivam e restringem as construções.

A Teoria Conceptual da Metáfora

A Teoria Conceptual da Metáfora (TCM) emerge no seio da Linguística Cognitiva a partir do trabalho inovador de Lakoff e Johnson (2002 [1980]). Assim, vista tradicionalmente como um recurso estilístico restrito à linguagem verbal, a metáfora recebe um novo olhar e passa a ser tratada como estratégia corriqueira do nosso sistema conceptual ordinário, estando, pois, presente não só na linguagem, mas também no pensamento e na ação.

A base da conceptualização metafórica é, de acordo com Lakoff e Johnson (2002 [1980], p. 47-48), “compreender e experienciar uma coisa em termos de outras”. Partindo desse princípio, o ser humano é capaz de entender muitos conceitos, geralmente, abstratos, em termos de outros mais concretos, de modo a tornar mais palpável o entendimento de “coisas” que muitas vezes

² De maneira bastante sintética, um *frame* é uma estrutura de conhecimento acerca de uma dada cena cognitiva. Trata-se de um sistema de conceitos relacionados em que, para se entender algo, é necessário entender todo o sistema (elementos e relações entre os elementos) em que o conceito está inserido (Fillmore, 1982, p. 111). Para se entender uma vingança, por exemplo, é fundamental conhecer todos os elementos do *frame* (EFs) em questão – isto é, os componentes essenciais à configuração da cena (EFs centrais) e os componentes adicionais, independentes do evento principal (EFs periféricos) – e as relações que se estabelecem entre eles. O *frame* de vingança apresenta como elementos centrais o VINGADOR, PARTE OFENDIDA, OFENSA, OFENSOR e CASTIGO e como elementos periféricos, MODO, MEIO, TEMPO, dentre outros. Uma vingança sem uma ofensa não é uma vingança, assim como um crime de vingança em que não há ofensa, ofendido, etc., não pode ser considerado um crime dessa natureza. Do mesmo modo, uma vingança se dá em determinado tempo e de determinado modo, embora isso não seja fundamental para a definição da vingança propriamente dita. Em vista disso, a Semântica de *Frames* é um modelo de semântica que leva em conta, na definição de sentido, o *frame* que é evocado pela unidade lexical em vista do contexto em que ocorre.

transcendem a sua experiência. Em outras palavras, para a TCM, o que fazemos é entender um domínio mais abstrato da nossa vivência – o domínio alvo – a partir de algo mais concreto e saliente a nossa experiência – o domínio fonte.

Algumas dessas projeções, próprias de nossa cultura, são: compreender tempo em termos de dinheiro (“Já gastei muito tempo com você”) ou espaço (“O Natal está chegando”); a vida em termos de viagem (“Minha vida chegou a uma encruzilhada”); dentre outras. É importante observar que não se trata de tipos diferentes da mesma coisa (tempo nada tem a ver com dinheiro, vida e viagem são coisas completamente distintas); é apenas uma maneira de se estruturar parcialmente uma coisa em termos de outra.

Uma proposta mais contemporânea da TCM (Lakoff e Johnson, 1999) refina a noção de metáfora (primeiramente proposta por Lakoff e Johnson, 2002 [1980]), estabelecendo diferenças entre metáforas complexas – que formulam conceitos complexos através de noções primárias – e metáforas primárias – que relacionam noções primárias e que atuam como átomos de metáforas complexas.

De maneira geral, as metáforas primárias são aquelas em que uma experiência primária traz consigo uma ideia subjetiva de uma ocorrência sensorio-motora. Um exemplo recorrente de metáfora primária (extraída do trabalho de Grady, 1997 in Lakoff e Johnson, 1999) é a projeção metafórica “Afeição É Calor”: nos primeiros meses de vida de uma criança, o fato de a afeição que recebe estar diretamente ligada à temperatura calorosa ao colo de seus pais subsidia a integração entre esses dois domínios. Para Feldman (2006, p. 200), em termos neurais, “metáforas primárias podem ser vistas como uma consequência normal de aprendizado associativo”.

A ilustração a seguir, de como metáforas primárias estruturam metáforas complexas, é dada em Lakoff e Johnson (1999, p. 60-63). Na cultura ocidental, há a crença de que as pessoas têm propósitos em suas vidas e, por isso, espera-se que ajam para atingi-los. Essa crença suscita as metáforas primárias “Propósitos São Destinações” (experiência primária de alcançar objetivos ao alcançar destinações – se temos sede, devemos nos deslocar até a geladeira) e “Ações São Movimentos” (ações humanas estão ligadas, especialmente nos primeiros anos de vida, ao deslocamento no espaço). Assim, uma versão metafórica de tal crença poderia ser de que as pessoas têm destinações em suas vidas e, por isso, se movem para alcançá-las. Como a passagem por uma série de destinações é uma viagem, pode-se estruturar, a partir de conceitos mais elementares, a metáfora complexa “Propósito De Vida É Uma Viagem”. De tal modo, tem-se o mapeamento:

Viagem	→	Propósito de vida
Viajante	→	Vivente
Destinações	→	Objetivos
Itinerário	→	Plano de vida

Assim, o que uma metáfora complexa provoca são ativações neurais paralelas, de forma que, ao se ativar um conceito, ativa-se toda a rede de conceitos a ele relacionados.

Metáforas conceptuais e suas equivalentes metáforas linguísticas têm um papel determinante na instituição e renovação da rede de signos que estrutura a gramática e o léxico de uma língua. É sobre tal questão que vamos nos debruçar a seguir, depois de apresentar as estratégias metodológicas do presente estudo.

Metodologia

A relevância do uso na perspectiva teórica assumida fez com que a escolha metodológica recaísse sob uma abordagem investigativa baseada em *corpus* (Gries e Divjak, 2003; Sardinha, 2004; Stefanowitsch, 2006). Tal viés investigativo implica o uso de uma grande massa de dados de linguagem real informatizados, produzidos com finalidades comunicativas autênticas. *Corpora* tratados e anotados em língua portuguesa, juntamente com ferramentas eletrônicas analíticas, viabilizam assim a busca do objeto de análise em condições reais de uso.

Gries e Divjak (2003) observam a superioridade dessa abordagem em relação a outras na investigação da linguagem por: (a) fornecer várias instâncias do objeto, ao invés de apenas julgamentos isolados; (b) permitir que as informações insurjam naturalmente dos dados e não de julgamentos ou respostas influenciadas pelo ponto de vista do pesquisador; (c) apresentar os dados de diferentes formas e não apenas da forma que o pesquisador possa julgar importante; e (d) permitir uma identificação *bottom-up* de distinções importantes acerca do objeto, assim como descrições mais precisas do mesmo.

Como fonte de dados, foi utilizado o Corpus do Português, (<http://www.corpusdoportugues.org>), que conta com 45 milhões de palavras, de textos do português brasileiro e do português europeu dos séculos XIII a XX.

Nossa estratégia de busca inicial consistiu na criação de uma ontologia com 27 verbos, constituída a partir de busca em diferentes fontes da expressão-chave “de rir”. Partindo-se do *type* “morrer de rir”, o mais produtivo na investigação de Sampaio (2007), nossa ontologia visava ao preenchimento da variável X no padrão “X de rir” (chorar, rolar, morrer, acabar-se). Após essa etapa, esses verbos, seguidos da preposição “de” (“chorar de”, “rolar de”, “morrer de”), foram usados como elementos de busca no Corpus do Português para levantamento de ocorrências da construção. Dos 27 verbos da ontologia inicial, 19 retornaram a busca com pelo menos uma ocorrência da SEC. Assim, nossas análises tiveram como base 19 *types* (frequência de tipos) e 1.726 *tokens* (frequência de ocorrência), como mostra a Tabela 1.

A Tabela 1 mostra como, em vista dos dados do *corpus*, apenas 5 dos 19 *types* da construção (“Morrer

Tabela 1. A SEC no Corpus do Português.
Table 1. SCBE in *Corpus do Português*.

	<i>Types da Construção SEC</i>	<i>Tokens</i>
01	Morrer de Y	674
02	Fartar(-se) de Y	381
03	Cansar(-se) de Y	372
04	Chorar de Y	112
05	Cair de Y	96
06	Rebentar(-se) de Y	34
07	Estourar(-se) de Y	17
08	Torcer(-se) de Y	10
09	Acabar(-se) de Y	08
10	Finar(-se) de Y	05
11	Rasgar(-se) de Y	05
12	Borrar(-se) de Y	04
13	Cagar(-se) de Y	02
14	Mijar(-se) de Y	01
15	Escangalhar(-se) de Y	01
16	Contorcer(-se) de Y	01
17	Dobrar(-se) de Y	01
18	Não se aguentar de Y	01
19	Rachar(-se) de Y	01
	TOTAL	1.726

de Y”, “Fartar(-se) de Y”, “Cansar(-se) de Y”, “Chorar de Y”, “Cair de Y”) estão convencionalizados na língua. O fato de o Corpus do Português ter grande presença de textos de registros mais formais da linguagem e não armazenar textos do século corrente pode, em parte, explicar a baixa frequência de *tokens* dos demais 14 *types*, assim como a ausência de 8 dos verbos elucidados na primeira etapa de busca (“Engasgar(-se) de Y”, “Esbaldar(-se) de Y”, “Esborrachar(-se) de Y”, “Escrachar(-se) de Y”, “Esganiçar(-se) de Y”, “Espreme(-se) de Y”, “Passar

mal de Y” e “Rolar de Y”) e outros casos aparentemente frequentes no dia a dia, como “Pirar de rir” e “Treme de medo”.

Cabe pontuar, assim, que não é propósito deste estudo esgotar a lista de todos os possíveis *types* da SEC, mas evidenciar o seu delineamento formal e funcional como uma Construção Superlativa com uso específico e corrente no português.

A dimensão semântica e a natureza metafórica da Construção Superlativa de Expressão Corporal

Os dados obtidos através do *corpus* desvelam, em primeira mão, o padrão formal da construção: $[X_v \text{ de } Y_{NV}]$, sendo X um SV, com um verbo ergativo³, e Y, um verbo ou um SN, prototipicamente preenchido por um nome abstrato. A semântica dos verbos ergativos instanciados nesta construção traz uma clara restrição seletional – são verbos que suscitam o *frame* de Impacto_físico (“cair”, “contorcer(-se)”, “dobrar(-se)” etc.) ou de Impacto_fisiológico (“morrer”, “fartar(-se) de Y”, “mijar(-se)” etc.), como ilustram os exemplos de 4 a 6:

- (4) 19:Fic:Br:Garcia:Silencio queria era apenas assustar, podemos telefonar para ele e dizer que eu *estou me borrando de medo*.
- (5) 19:Fic:Br:Louzeiro:Devotos - Vem cá, frangote! - Biguá *dobrava-se de tanto rir*. Azulão permanecia calmo, de pé.
- (6) 19Or:Br:Intrv:Web [...] criança tem essa capacidade de se espantar com o mundo. Por isso ela não *morre de tédio*.

Dessa restrição semântica, como já explicitado, advém o rótulo atribuído à nossa construção – Superlativa de Expressão Corporal. Decorre daí também a base metafórica da SEC a que passamos a nos reportar.

A cena metafórica evocada pela SEC pode ser parafraseada nos seguintes termos: uma causa de intensidade superlativa (morrer de *rir*) desencadeia um impacto físico ou fisiológico (*morrer de rir*) sobre o corpo de um afetado (“O *Leo* morria de ciúmes do Ivan”, 19:Fic:Br:Amaral:Amigos).

Dessa forma, os *frames* de Impacto_físico ou Impacto_fisiológico⁴ evocados pela semântica dos verbos em X (rachar-se, torcer, morrer, fartar-se...) constituem-se

³ Verbos ergativos, segundo Perini (2010), são verbos intransitivos cujos sujeitos são pacientes.

⁴ Embora distintos em suas naturezas, os *frames* de Impacto_físico e Impacto_fisiológico apresentam a mesma configuração. São seus elementos nucleares: a CAUSA, aquilo/aquele que desencadeia o impacto; o AFETADO, aquele que é atingido pela CAUSA, que sofre o impacto (na construção, é prototipicamente uma entidade humana); e o EFEITO, aquilo que é sentido pelo AFETADO (na SEC, é codificado pelo próprio verbo que suscita o *frame*, X). Em “O Miranda rebentava de raiva”, Miranda é o AFETADO; raiva, a CAUSA; e rebentar, o EFEITO. Ressalta-se que não há, aqui, a intenção de descrever tais *frames* nos critérios da *FrameNet*, busca-se apenas oferecer uma estruturação mínima a esses *frames* que estão sendo postulados, de modo a contribuir no estabelecimento da coerência semântica da cena evocada na SEC.

como o domínio-fonte da metáfora. Projetados no domínio-alvo (grau superlativo), ganham um novo sentido construcional que pode ser descrito em termos do *frame* Posição_em_uma_escala (*FrameNet*), como pode ser visto no mapeamento metafórico (Figura 1).

O EF não central do *frame* Posição_em_uma_escala, Grau (que “identifica o GRAU para o qual a propriedade escalar de um ITEM retém com respeito a alguma VARIÁVEL”), parece estar fundido, na SEC, com EF VALOR, uma vez que essa construção apresenta uma compressão em que o grau/valor superlativo é lexicalizado por uma única unidade lexical (os verbos de impacto):

(7) 19:Fic:Br: Amaral: Amigos

O Leo morria de ciúmes do Ivan.
AFETADO/ ITEM EFEITO/VALOR-GRAU CAUSA/VARIÁVEL

Tópico relevante ao presente estudo é a motivação conceptual da estrutura $[X_v \text{ de } Y_{N/V}]$ como uma Construção

Superlativa. No coração dessa questão, está o entrelaçamento da noção de causalidade, do esquema imagético da imposição de forças, das metáforas primárias “Causa É Força Física” e “Intensidade É Força Física”⁵.

A causalidade é um conceito gestaltico característico da cognição humana que relaciona a passagem de um evento A para A', por intermédio de uma causa subjacente (Tomasello, 2003 [1999]). Na SEC, essa relação é bastante evidente, uma vez que a Causa Y age no desencadeamento metafórico do Efeito X (impacto físico ou fisiológico), passando-se de um Evento A, em que a entidade que será afetada ainda se encontra em um estado normal, para um Evento A', em que tal entidade já tem seu corpo metaforicamente destruído (Figura 2).

O esquema imagético da imposição de forças⁶, por sua vez, relaciona-se diretamente à noção de causalidade, formando a metáfora primária “Causa É Força Física”. De acordo com Lakoff e Johnson (1999), essa metáfora tem origem em nossa experiência de alcançar resultados

Frames Impacto_físico/ Impacto_fisiológico		→	Frame Posição_em_uma_escala
EF AFETADO	→		EF ITEM (Entidade cuja propriedade escalar é especificada)
EF EFEITO (X)	→		EF VALOR (Posição ou variações de posição que o ITEM ocupa em uma escala)
EF CAUSA (Y)	→		EF VARIÁVEL (Propriedade escalar que o ITEM possui)

Figura 1. A reanálise dos *frames* evocados pela SEC.

Figure 1. The reanalysis of the frames evoked by SCBE.

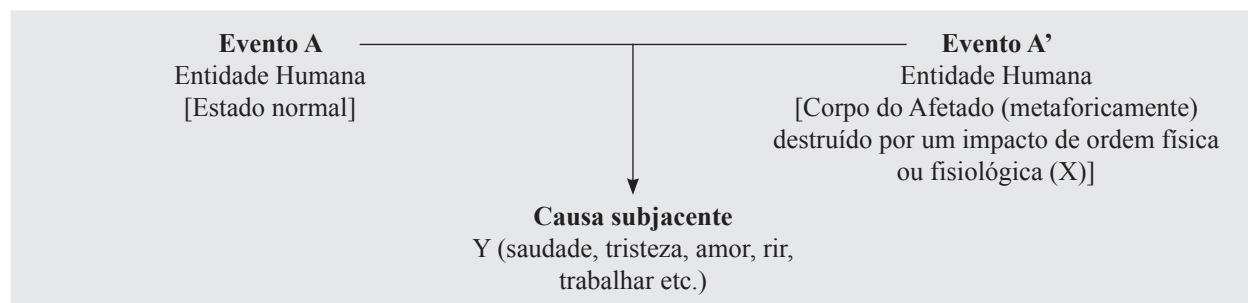


Figura 2. A articulação do conceito de causalidade na SEC.

Figure 2. The articulation of the causality concept in the SCBE.

⁵ Relativo a essa questão é importante frisar que vários dos estudos desenvolvidos no interior do macroprojeto “Construções Superlativas do Português do Brasil: Um estudo sobre a semântica de escala” (Miranda, 2008a) tem encontrado as mesmas bases conceptuais para muitos dos nódulos da rede de Construções Superlativas. Em termos de um conjunto de estudos de caso, significa uma possível generalização em relação às motivações conceptuais das construções dessa rede.

⁶ Um esquema imagético é uma estrutura pré-conceptual formada a partir da sistematicidade de nossas experiências perceptuais e sensorio-motoras, que atua como átomo significativo na construção de significados complexos. Especificamente, o esquema da imposição tem base na experiência de ser “movido por forças externas, como o vento, água, objetos físicos e outras pessoas. Quando uma multidão o empurra, você é movido por um caminho que pode não ter sido escolhido, por uma força que não pode resistir” (Johnson, 1987, p. 45).

por intermédio da aplicação de força física em objetos para movê-los ou mudá-los de lugar.

Na SEC, a causa Y, como intensidade de uma variável, impõe-se de tal maneira sobre X, o afetado, que nele desencadeia um impacto de ordem física ou fisiológica:

- (8) 18:Azevedo:Japão [...] dragonas de ouro e desses chapéus de pluma que fizeram *rebentar de medo* o Imperador da China nas profundezas empedradas de Pekin
- (9) 19:Fic:Br:Novaes:Mao Foi quando, quase *se mijando de medo*, o moleque o cutucou com a coronha do bacamarte

Tem-se, então, a metáfora “Intensidade É Força Física”. Em (08) e (09), o “medo” imposto aos sujeitos é de tal maneira elevado, superlativo que atua como força física, que desencadeia sobre os afetados (“Imperador da China” e “moleque”) impactos metafóricos de ordem fi-

sica e fisiológica, respectivamente, que, embora em certas circunstâncias possam ser controlados, nesse contexto, não é possível. Tal impossibilidade de controle é a marca do esquema da imposição de forças.

Nos termos apresentados, uma descrição sincrônica da SEC como uma Construção Superlativa emparelhada às demais construções desta rede (regulares ou periféricas) no português implica o reconhecimento das seguintes funções para os seus elementos: temos um padrão [**X_v** **de** **Y_{NN}**], em que X é um marcador de grau ou um operador de escala superlativa (OES) e Y é o núcleo graduável modificado por X.

Inspirados nos moldes formais propostos por Goldberg (1995) para o tratamento das construções de estrutura argumental, propomos as Figuras 3 e 4, com as modificações e acréscimos necessários à natureza metafórica da SEC, para formalizar a construção em suas duas variantes, a nominal e a verbal:

1. A SEC Nominal (“João morreu de medo”)

Semântica da Construção Superlativa	< ITEM	[VALOR/GRAU OES	VARIÁVEL NG	>
Frame verbal:	<				>
Impacto_físico/ Impacto_fisiológico					
Sintaxe	SN	[V	SPrep (de + N)]

Figura 3. A formalização da SEC Nominal.

Figure 3. The Nominal SCBE formalization.

2. A SEC Verbal (“João morreu de rir”)

Semântica da Construção Superlativa	< ITEM	[VALOR/GRAU OES	VARIÁVEL NG	>
Frame verbal:	<				>
Impacto_físico/ Impacto_fisiológico					
Sintaxe	SN	[V (Semi)aux.	de V]

Figura 4. A formalização da SEC Verbal.

Figure 4. The Verbal SCBE formalization.

Considerações finais

Essencialmente, buscou-se, ao longo do trabalho, com base nos dados encontrados no Corpus do Português, situar a SEC como uma estratégia metafórica do português de conferir a um enunciado o grau superlativo.

Os principais resultados analíticos considerados foram os seguintes:

- (a) Em termos de seus polos formal e semântico, a construção apresenta a configuração $[X_v \text{ de } Y_{NV}]$, em que X é prototipicamente um verbo ergativo que suscita o *frame* de Impacto_físico ou Impacto_fisiológico, e Y, prototipicamente, um nome abstrato ou um verbo.
- (b) A SEC, como uma construção metafórica, tem como domínio-fonte o *frame* de Impacto_físico ou Impacto_fisiológico e como domínio-alvo a intensidade em grau superlativo (*frame* Posição_em_uma_escala).
- (c) A semântica da construção confere ao elemento X a função de modificador de grau ou de operador de escala superlativa (OES) e a Y a função de núcleo graduável (NG).
- (d) A instituição da forma $[X_v \text{ de } Y_{NV}]$ como uma Construção Superlativa é conceptualmente motivada pelo entrelaçamento da noção de causalidade (Tomasello, 2003 [1999]), do esquema da imposição (Johnson, 1987), das metáforas primárias “Causa É Força Física” (Lakoff e Johnson, 1999) e “Intensidade É Força Física”.

Em vista de sua proposta, a pesquisa apresenta relevo principalmente no que tange à descrição da língua portuguesa e de seu inventário de construções, desvelando uma pequena ponta da imensa cortina que constitui sua gramática. Também apresenta relevância no que diz respeito à tradução entre línguas, ampliando a descrição da gama de estratégias de intensificação na língua portuguesa e, com isso, permitindo traduções mais precisas.

Ainda no que diz respeito aos ganhos teóricos e analíticos, pode-se dizer que o estudo da Construção Superlativa de Expressão Corporal aqui empreendido oferece reforço às seguintes premissas cognitivistas:

- (a) “O conhecimento sobre a linguagem emerge do uso da linguagem” (Croft e Cruse, 2004, p. 1): somente a verificação de frequência de padrões linguísticos específicos pode atestar a centralidade desse padrão no interior de uma língua.
- (b) As cognições estão interligadas: sendo a linguagem reflexo e meio de estudo do funcionamento da mente humana, usar uma linguagem relativa à expressão corporal para intensificar

proposições linguísticas pode sinalizar que as fronteiras (se é que elas existem) entre as cognições são verdadeiramente muito tênues.

- (c) Processos figurativos têm papel central na constituição da gramática e do léxico de uma língua, constituindo e expandindo sua rede de construções.
- (d) Hipótese Fraca da Composicionalidade: a SEC é um caso típico de idiomatismo, em que o somatório dos sentidos de seus elementos não indica o sentido que assume no discurso, mostrando que, de fato, “o significante não porta o significado” (Fauconnier, 1994, p. xxii), mas o guia.

É importante reiterar, por fim, que aqui se encontra apenas parte dos achados acerca da SEC e, mesmo Costa (2010), que apresenta uma análise muito mais ampla sobre a mesma construção, não esgota todas as suas possibilidades de análises. O que precisa ficar, no entanto, é a riqueza que uma descrição de base cognitivista e construcionista pode oferecer a pesquisas de natureza descritiva.

Referências

- ALBERGARIA, G. 2008. *Projeção figurativa e expansão categorial do PB: O caso de um frame “animal”*. Juiz de Fora, MG. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Juiz de Fora, 107 p.
- BOAS, H.C. [s.d.]. Cognitive Construction Grammar. In: G. TROUSDALE; T. HOFFMANN (eds.), *The Oxford Handbook of Construction Grammar*. Oxford, Oxford University Press. [no prelo].
- CARRARA, A.C.F. 2010. *As Construções Superlativas Causais Nominais: Uma abordagem construcionista*. Juiz de Fora, MG. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Juiz de Fora, 150 p.
- CARVALHO-MIRANDA, L. 2008. *As Construções Concessivas de Polaridade Negativa no Português do Brasil*. Juiz de Fora, MG. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Juiz de Fora, 160 p.
- COSTA, I.O. 2010. *A Construção Superlativa de Expressão Corporal: Uma abordagem construcionista*. Juiz de Fora, MG. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Juiz de Fora, 142 p.
- CROFT, W.; CRUSE, A. 2004. *Cognitive Linguistics*. New York, Cambridge University Press, 356 p.
- DAVIES, M.; FERREIRA, M. 2006 *Corpus do Português: 45 milhões de palavras, 1300s-1900s*. Disponível em: <http://www.corpusdoportugues.org>. Acesso: 11/2008 a 07/2010.
- FAUCONNIER, G. 1994. *Mental Spaces*. New York, Cambridge University Press, 193 p. <http://dx.doi.org/10.1017/CBO9780511624582>
- FELDMAN, J.A. 2006. *From Molecule to Metaphor: A Neural Theory of Language*. Cambridge, MIT Press, 357 p.
- FILLMORE, C. 1979. Innocence: A second idealization for linguistics. In: ANNUAL MEETING OF THE BERKLEY LINGUISTICS SOCIETY, 5, Berkley, 1979. *Proceedings...* Berkeley, The Berkley Linguistics Society, 1:63-76.
- FILLMORE, C. 1982. Frame Semantics. In: LINGUISTIC SOCIETY OF KOREA (eds.), *Linguistics in the Morning Calm: Selected Papers from SICOL-1981*. Seoul, Hanshin Publishing Co., p. 111-137.
- FILLMORE, C.; ATKINS, B.T. 1992. Toward a Frame-Based Lexicon: The Semantics of RISK and Its Neighbors. In: A. LEHRER.; E.F. KITTAY (eds.), *Frames, Fields and Contrasts: New Essays In Semantic And Lexical Organization*. New Jersey, Lawrence Erlbaum, p. 75-102.

- GOLDBERG, A. 1995. *Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure*. Chicago, The University of Chicago Press, 265 p.
- GOLDBERG, A. 2006. *Constructions at Work: The Nature of Generalization in Language*. Oxford, Oxford University Press, 388 p.
- GRIES, S.T.; DIVJAK, D. 2003. Behavioral Profiles: A Corpus-Based Approach to Cognitive Semantic Analysis. In: V. EVANS; S. POURCEL (eds.), *New Directions in Cognitive Linguistics*. Amsterdam, Philadelphia, John Benjamins, p. 57-75.
- JOHNSON, M. 1987. *The Body in the Mind: The Bodily Basis of Meaning, Imagination, and Reason*. Chicago, University of Chicago Press, 233 p.
- LAKOFF, G. 1987. *Women, Fire and Dangerous Things: What Categories Reveal about the Mind*. Chicago, The University of Chicago Press, 614 p.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. 2002 [1980]. *Metáforas da vida cotidiana*. Campinas, Mercado de Letras, 360 p.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. 1999. *Philosophy in the Flesh: The Embodiment Mind and Its Challenge to Western Thought*. New York, Basic Books, 624 p.
- MACHADO, P.M. 2011. *A Construção Superlativa Sintética de Estados Absolutos com o sufixo “-íssimo”: Um caso de desencontro/mismatch morfológico*. Juiz de Fora, MG. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Juiz de Fora, 139 p.
- MIRANDA, N.S. 2002. O caráter partilhado da construção da significação. *Veredas*, 5(2):57-81.
- MIRANDA, N.S. 2005. Modalidade: O gerenciamento da interação. In: N.S. MIRANDA; M. C.L. NAME, *Linguística e Cognição*. Juiz de Fora, Ed. UFJF, p. 171-195.
- MIRANDA, N.S. 2008a. *Construções Superlativas no Português do Brasil: Um estudo sobre a semântica de escala*. Juiz de Fora, MG. Projeto de pesquisa. Universidade Federal de Juiz de Fora, 19 p.
- MIRANDA, N.S. 2008b. *Gramaticalização e Gramática das Construções: Algumas convergências. Um estudo de caso: As Construções Negativas Superlativas de IPN*. São Paulo. Relatório de Pós-doutorado. Universidade Presbiteriana Mackenzie, 109 p.
- PERINI, M.A. 2010. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo, Parábola, 366 p.
- SALOMÃO, M.M.M. 1997. Gramática e interação: O enquadre programático da hipótese sócio-cognitiva sobre a linguagem. *Veredas*, 1(1):23-39.
- SALOMÃO, M.M.M. 2009. Teorias da linguagem: A perspectiva sócio-cognitiva. In: N.S. MIRANDA; M.M.M. SALOMÃO, *Construções do Português do Brasil: da gramática ao discurso*. Belo Horizonte, UFMG, p. 20-32.
- SAMPAIO, T.F. 2007. *O uso metafórico do léxico da morte: Uma abordagem sociocognitiva*. Juiz de Fora, MG. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Juiz de Fora, 155 p.
- SARDINHA, T.B. 2004. *Linguística de Corpus*. Barueri, Manole, 410 p.
- STEFANOWITSCH, A. 2006. Words and their metaphors: A corpus-based approach. In: A. STEFANOWITSCH; S. GRIES, *Corpus-Based Approaches to Metaphor and Metonymy*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, p. 61-105.
- TOMASELLO, M. 2003 [1999]. *Origens Culturais da Aquisição do Conhecimento Humano*. São Paulo, Martins Fontes, 342 p.

Submetido: 22/03/2012

Aceito: 19/11/2012

Igor Oliveira Costa

Universidade Federal de Juiz de Fora
Rua José Lourenço Kelmer, s/n – Campus Universitário
36036-900, Juiz de Fora, MG, Brasil

Neusa Salim Miranda

Universidade Federal de Juiz de Fora
Rua José Lourenço Kelmer, s/n – Campus Universitário
36036-900, Juiz de Fora, MG, Brasil